

“Provocadores” e “Turbulentos”: um estudo de caso sobre as relações de solidariedade e conflito entre brasileiros e imigrantes pobres no final do século XIX e início do XXRenata Sopelsa¹

Resumo: Ponta Grossa, pequena cidade do interior do Paraná cujo cotidiano marcado por um passado rural, onde mulas e cavalos circulavam livremente pelos campos e pelas ruas, tal como outros centros urbanos do país, ainda que seguindo muitas singularidades, ao final do século XIX assistiu a um processo de modernização desencadeado principalmente pela chegada das estradas de ferro que impulsionaram a economia local e que, ao mesmo tempo, trouxeram mercadorias e informações e atraíram novos moradores, dentre eles centenas imigrantes. E, de fato, italianos, russos, alemães e poloneses, assim como homens e mulheres de outras nacionalidades nela chegaram em busca de terras ou emprego, ou, em todo caso, de uma vida melhor. Uma vez instalados, fazia-se premente não apenas buscar a estabilidade financeira como também tecer novas relações de sociabilidade nesse outro mundo social. Mas esse processo de ressocialização nem sempre transcorreu de maneira tranqüila, sem traumas ou desencontros. Ao contrário, muitos imigrantes não puderam escapar do embate com os grupos nacionais e, por vezes, a proximidade com os brasileiros acabou sendo marcada por desentendimentos que acabaram em discussões e agressões. É, portanto, com base em fontes criminais que esse trabalho busca analisar as redes de sociabilidade tecidas entre imigrantes e brasileiros pobres, buscando salientar tanto as formas de solidariedade que construíam entre si, perante a semelhança no estilo de vida e situação econômica, como também, e sobremaneira, denunciar os pontos de tensão e conflito existentes nessa relação entre indivíduos tão diferentes entre si. Para isso, como referencial teórico fez-se uso das discussões de Norbert Elias em seu estudo sobre as relações de poder e interdependências, bem como das discussões de Pierre Bourdieu sobre ‘identidade’. No que diz respeito ao caráter metodológico, a análise dos processos criminais foi orientada pela Análise de Discurso, o que permitiu-nos desvelar nas linhas e entrelinhas das falas, tanto dos imigrantes pobres quanto dos brasileiros, diversas ideias, valores e visões de mundo. Assim, ao fim e ao cabo, tornou-se possível entrever os imigrantes pobres como um grupo de ‘outsiders’ que imersos em um novo mundo social sentiram necessidade de deixar para trás a imagem de recém chegados, construir novas amizades e vínculos afetivos e para isso recorreram a diversos espaços de sociabilidade de caráter festivo como bailes, jogos de bola, de carta, conversas nas casas de comércio. No Brasil, em Ponta Grossa, seguiram suas vidas, trabalharam, sobreviveram, mas também sentiram necessidade de lazer, da conversa, da festa. E como a vida não se faz somente de coisas boas, também sentiram necessidade de discutir, gritar, e por vezes, no calor dos fatos e limite da racionalidade, sentiram vontade de bater ou matar para defender sua identidade, a imagem de si mesmos.

Palavras-chave: imigrante, sociabilidade, identidade e conflito.

Coragem, força de vontade, capacidade de sonhar e de recomeçar foram sentimentos e sensibilidades que, consciente ou inconscientemente, sempre acompanharam a decisão de emigrar. Eram, de fato, quase que exigências que tocaram o corpo e o espírito de milhares e milhares de homens e mulheres que ao longo do século XIX, e depois no século XX, deixaram suas casas na Europa para viver no Brasil, afinal, sem dúvida alguma, para eles entre o Velho e o Novo Mundo não existiu apenas um oceano de águas, mas um mar de barreiras.

Transpor o Atlântico era muito mais difícil que entrar e sair de um navio, pois muito para além da mudança geográfica e física, fazer essa viagem sem passagem de volta significava passar por um processo de desenraizamento, para usar o termo na conceituação discutida por Ecléia Bosi², em que se perde a paisagem natal, a casa, os vizinhos, as festas, a maneira de se vestir, o entoadado nativo de falar, o modo de vida enfim, rompendo assim com as múltiplas raízes que os ligavam a região e a sociedade de origem. Portanto, a decisão de emigrar já em seus primeiros momentos tinha algo de doloroso, tendo em conta que sempre é muito mais agradável viver entre os seus em um lugar que se conhece desde o nascimento.

Mas, uma vez feita a escolha, e a viagem, tornou-se inevitável escapar das dificuldades de adaptação a uma nova paisagem e clima e à uma outra língua, bem como era impossível fugir da tensa e complexa experiência de estranhamento em relação aos diferentes códigos, valores, hábitos, visões de mundo e normas sociais comungados pelos integrantes desse outro mundo social e que lhes era, senão completamente, em grande parte desconhecidos.

No entanto, mesmo nessa posição desconfortável e sempre geradora de angústias, fazia-se necessário prosseguir, tocar a vida, afinal a felicidade poderia estar desse lado do Atlântico.

Não fizeram a escolha em emigrar e empreenderam uma viagem tão longa para ficar inertes. Nem poderia ser assim. Vieram para melhorar de vida, não apenas nos aspectos materiais, mas também sociais. Assim, com o passar do tempo empreenderam verdadeiramente um processo de reconstrução das suas redes sociais e de suas identidades culturais, processo esse que, não raro, foi marcado por diversos momentos de tensão e embate. Por vezes, tais momentos acabaram em agressão física ou mesmo em morte, crimes que deram origem a processos criminais. É, portanto, com base nessas fontes que esse trabalho busca analisar as redes de sociabilidade tecidas entre imigrantes e brasileiros pobres, buscando salientar tanto as formas de solidariedade que construíam entre si, perante a semelhança no estilo de vida e situação econômica, como também, e sobremaneira, denunciar os pontos de tensão e conflito existentes nessa relação entre indivíduos tão diferentes em uma cidade que crescia, urbanizava-se, no final do século XIX e início do XX.

Ponta Grossa ...

Nos últimos anos dos oitocentos, a tranquila cidade localizada na região que ficou conhecida como Campos Gerais experimentou um significativo crescimento demográfico e econômico. À esse tempo, chegaram ao seu espaço urbano os trilhos da linha férrea São Paulo/Rio Grande, somando-se a outra já concluída e que fazia a sua ligação com Paranaguá, servindo para o escoamento de madeira e erva-mate do interior do estado até porto. Aliás, juntas, essas estradas de ferro tornaram-se símbolo do limiar de ‘novos tempos’.

Vale lembrar que Ponta Grossa teve sua formação histórica fundamentada na produção das grandes propriedades rurais que representavam verdadeiras unidades sócio-econômicas, afinal possuíam uma economia quase autárquica voltada para o comércio do gado e para uma produção de subsistência, atividades em que era empregada a mão-de-obra escrava. Afora os cativos, nelas também viviam os agregados, indivíduos que compunham uma camada

intermediária, haja vista que apesar de livres, trabalhavam sem remuneração. No decorrer do tempo, esses indivíduos e seus patrões inseriram-se no comércio das tropas. Atraídos pela possibilidade de aumentar seus lucros, os fazendeiros percorriam os caminhos que iam da Província de São Pedro em direção à feira de Sorocaba e ao seu lado uma parcela significativa da população campeira.³

Mais para o final do século, no entanto, essa sociedade campeira começou a sofrer transformações.⁴ Os donos das terras e suas famílias transferem então suas moradias para a cidade e entre eles passaram a figurar, para além de comerciantes e pecuaristas, rapazes que haviam formado-se bacharéis em São Paulo, Pernambuco ou até na Europa. Com o tempo, também os trabalhadores das fazendas que não encontravam mais colocação no campo dirigiram-se para o núcleo urbano, a eles vindo somar-se diversos migrantes vindos de outros municípios do Paraná, muitos de outros estados, à procura dos empregos trazidos com a construção das linhas férreas.

Sem dúvida, foi a partir desse momento histórico que o cotidiano da cidade passou a ser marcado pela circulação de novas ideias, novas tecnologias, novos mercados de trabalho, pela competição não somente por espaços nesses mercados, como também por melhores posições sociais e econômicas. Par e passo como a gestação de uma outra visão de mundo, de valores menos apegados ao campo e ao sagrado, após a chegada dos trens foram tomadas algumas medidas visando realizar o embelezamento e o saneamento de algumas ruas da cidade, visando torná-la mais limpa e saudável. De outro lado, novos espaços de lazer foram criados, como a construção de teatros, instalação de cinemas, fundação de clubes e associações, enquanto a economia local crescia com a instalação de pequenas fábricas e inúmeras casas de comércio.

Mas, entre as mudanças sentidas pelos moradores mais antigos e que influenciaram de maneira mais decisiva a entrada da cidade em um novo tempo foi a chegada de novos moradores, entre eles, centenas de imigrantes.

... E Seus Novos Moradores

Com efeito, aos poucos o progresso da cidade acabou atraindo um contingente de homens e mulheres ou famílias inteiras que vinham em busca de emprego nos novos postos de trabalho criados pela chegada das estradas de ferro e instalação das estações na cidade. Por conseguinte, no decorrer dos anos a paisagem urbana de Ponta Grossa foi sendo modificada perante o aumento no número ruas, de quadras, de casas, de pessoas.⁵ Aliás, os imigrantes passaram a marcar sua presença na sociedade local já na técnica e estilo de construção de suas moradias. É interessante destacar que, conhecedores das técnicas de trabalho com a madeira, acabaram inovando as habitações até mesmo dos brasileiros, pois se tornaram excelentes artesãos, marceneiros e carpinteiros.

Além dessas atividades, esses indivíduos sobressaíram-se nos ramos comerciais, pois suas vendas iam de alfaiatarias e açougues até diversas casas de secos e molhados. Outros ainda alcançaram sucesso no ramo industrial, pois montaram pequenas fábricas de banha, olarias, curtumes e fábricas de bebidas. Ou seja, vários imigrantes conseguiram conquistar total ou parcialmente seus objetivos para emigrar, e realizaram o sonho de possuir certa estabilidade financeira.

Importa salientar, entretanto, que a grande maioria dos imigrantes chegou pobre e permaneceu pobre, tendo seus sonhos revertidos em ilusões e, depois, em desilusões. Tornaram-se trabalhadores urbanos, ou ainda mais precariamente, trabalhadores informais tais como jornaleiros e comerciantes de todos os tipos. Dentre eles, como nos foi permitido apurar na análise dos processos criminais, estavam homens e mulheres que declararam profissões desvalorizadas e pouco remuneradas, que não exigiam muita qualificação nem nenhuma

instrução como jornaleiros, barriqueiros e serviços domésticos. Muitos inseriram-se no mercado de trabalho de maneira informal, ou por não encontraram um emprego fixo e estável em que pudessem permanecer por longos períodos, ou por escolha pessoal, talvez pensando em obter maiores ganhos em trabalhos ocasionais. É lícito pensar que a maioria desses homens trabalhava periodicamente, por ‘jornada’ diária talvez, em trabalhos ligados a ferrovia, tal como o carregamento e descarregamento de vagões.

Cabe destacar, no entanto, que fosse trabalharam arduamente ou buscando serviços temporários que garantisse o necessário para sobreviver quando a situação não lhes permitia um emprego fixo ou até quando um emprego ou trabalho não era algo que desejassem, esses imigrantes fixaram-se em Ponta Grossa. Nela construíram suas casas nos terrenos desvalorizados. Aprenderam a língua portuguesa. Fizeram amizades com indivíduos da mesma etnia ou de outras nacionalidades. Fizeram amigos entre os nacionais, pardos, brancos ou negros. Estudaram. Rezaram. E fizeram festa.

As Relações de Amizade e Solidariedade Entre Pardos, Negros e Imigrantes.

Na verdade, os espaços em que davam essas festas era uma espécie de ‘microcosmo’ que reproduzia a heterogeneidade da população da cidade, como, por exemplo, o baile que aconteceu na casa do negociante alemão Theodoro Mockel, onde no dia 12 de outubro de 1895 se reuniram o marceneiro italiano Francisco Guzzoni, homem casado à época com seus 28 anos de idade, o castrense João Alves da Silva, sapateiro, jovem solteiro de 20 anos, o ferreiro alemão Rodolpho Schier que ali também estaca aproveitando a sua solteirice aos 24 anos de idade, e outros tantos rapazes e moças buscando aproveitar a noite para beber, cantar, dançar e, sem dúvida, namorar, afinal os bailes eram momento propícios para a relação entre os gêneros.⁶

Aliás, foi justamente devido a uma relação mal sucedida entre os gêneros o estopim para o final trágico do outro baile que se deu na casa do alemão João Loth, pedreiro de 51 anos que em parceria com amigos promoveu um “divertimento” no dia 16 de junho de 1901. Entre os amigos do imigrante que em “sociedade” realizaram essa festa estavam além dos italianos Giuseppe e Tarquínio Balcini, o jornaleiro Calixto Rosa, nascido em Antonina, homem solteiro que encontrou-se na sala de dança com Josephina Augusta, também jornaleira de 16 anos, nascida em Castro, e com João Valentim, barbeiro alemão, homem solteiro de 26 anos de idade, para citar apenas algumas das testemunhas que aparecem no processo criminal.⁷

Ou seja, conforme nos revelam as fontes, os bailes eram momentos propícios não somente para paquera, os encontros de olhares entre os casais, como para o encontro entre amigos e parceiros de trabalho. A sala de baile era dividida por diversos tipos de profissionais, jornaleiros, barbeiro, ferreiro, sapateiro, pedreiro, ou seja, homens e mulheres que não dividiam o mesmo espaço de trabalho e cuja amizade, portanto, não surgiu da convivência diária, mas possivelmente das relações de vizinhança ou encontro em outros locais, até mesmo de festa.

De acordo com Jean Baechler, já citado no segundo capítulo, a sociabilidade nada mais é que a capacidade humana de estabelecer “redes” nas quais circulam as informações que exprimem seus interesses, gostos, paixões, e que “não se traduzem na formação de um grupo suscetível de funcionar como uma unidade de atividade”.⁸ Ressalte-se que por “redes” o autor entende os laços, “mais ou menos sólidos e exclusivos, que cada ator social estabelece com outros atores, os quais estão também em relação com outros atores, e assim por diante”. Estas “redes” tanto podem ser de natureza aleatória e não planejada, como as relações de vizinhança e de parentesco, para citar dois exemplos, como aquelas que são de algum modo deliberadas, “no sentido que são definidos espaços sociais, onde se encontram, por opção,

atores sociais que tem prazer e interesse em ser sociáveis uns com os outros”.⁹ Nessa segunda categoria pode se incluir as reuniões festivas em clubes e salões, e no nosso caso, nas residências e casas de comércio.

Todavia, mesmo considerando os bailes promovidos ou freqüentados pelos imigrantes como reuniões do tipo planejadas, deliberadas, para que num determinado local e horário as pessoas se encontrassem para ser sociáveis e ‘socializar’ umas com as outras, seria errôneo pensar que nesses momentos, como afirmou Georg Simmel, a sociabilidade não tivesse propósitos objetivos, nem conteúdo, nem resultados exteriores.¹⁰

A decisão de ir ao baile, preparar-se visualmente e emocionalmente para o encontro com outras pessoas por certo era motivado, num primeiro momento, e de forma mais tangível, pelo desejo de reunir-se em grupo para conversar, dançar, beber, passar o tempo livre. Mas, subjacente ao desejo por diversão em grupo, estava a busca pelo estreitamento das relações sociais ou o estabelecimento de outras novas.

Depreende-se, dessa maneira, que imigrantes e migrantes possuíam a necessidade de tecer novas redes sociais nesse outro mundo social. E o baile era um momento privilegiado para isso, pois antes que as diferenças emergissem, ele oportunizava a sociabilidade entre indivíduos que se pareciam na mobilidade espacial e na precariedade da situação econômica.

Tratava-se, portanto, de uma forma de sociabilidade que embora planejada em primeiro lugar para que as pessoas em conjunto pudessem gozar a vida no encontro agradável e na reciprocidade com os ‘outros’, em seguida era aproveitada para realizar outra ‘atividade’, como o estabelecimento de vínculos e de laços de solidariedade entre os indivíduos, aspectos que como Maurice Agulhon apontou fazem parte da sociabilidade.¹¹

Os bailes, então, funcionavam como espaços estratégicos para o estabelecimento de uma nova forma de identidade social para os imigrantes, para além e aquém daquela que dizia respeito a sua origem étnica ou cultural. Em Ponta Grossa eles não eram tão somente italianos ou alemães ou poloneses, para citarmos apenas alguns exemplos de vinculação étnica, eram também ‘outsiders’ em uma sociedade que abrigava diversas famílias e indivíduos que possuíam décadas de história em comum e que contra eles cerravam fileiras, os relegando a uma posição marginal.¹² Impossibilitados também de aproximar-se dos imigrantes bem sucedidos, dada sua inferioridade econômica e social, restava-lhes construir vínculos com outros moradores que com eles dividiam a mesma experiência cotidiana marcada pela pobreza e pelo estigma de ‘recém-chegado’ e, por isso, ‘estranho’ àquela sociedade. Restava-lhes promover ou participar das festas planejadas, mas nem por isso bem estruturada materialmente, ou menos pobres, em que iriam encontrar-se com seus ‘iguais’. Logo, onde se sentiriam menos solitários na ‘diferença’ e na dificuldade pela sobrevivência.

Do Encontro ao Desencontro

Sem dúvida nessas noites festivas produzia-se uma certa comunhão de sensibilidades e interesses entre os convivas, que como dissemos, possuíam algumas características em comum, sociais e econômicas. Todavia, essa ‘identificação’ sempre se dava em um nível bastante fraco, fugidio, parecendo manter-se vigorosa apenas durante enquanto durasse a festa. Em alguns casos, nem chegaram a durar esse tempo, afinal, os processos são as provas de que algumas festas foram da alegria ao conflito em alguns instantes. Foi o que ocorreu no baile de João Loth.

Naquela noite,, conforme o depoimento da jornalista alemã Josephina Augusta, “lá pela meia noite deu-se o desentendimento entre a Aguida, filha de família, e o italiano Frederico Mansani”. Este a teria convidado para dançar, sendo então recusado pela moça que deu a justificativa que ele era um homem casado e que, portanto, não deveria estar em divertimento dos solteiros. E a moça seguiu contando a sua versão dos fatos:

...em vista da resposta de Aguida a Mansani, este deu um tapa na referida Aguida e Luis Adão estando presente disse a Mansani que não procede bem ir dançar com uma moça solteira, filha de família (...) Luiz continuou a conversa com Mansani a respeito do desaforo que este fizera para Aguida e nessa ocasião um preto de nome Calixto pegou na mão de Adão julgando que este brigaria com Mansani e nessa mesma ocasião José Italiano deu volta por traz da casa, chegou ao jardim perto do portão e deu uma facada em Luiz Adão e saiu para fora do portão e foram com mais companheiros para casa de Frederico Mansani.¹³

Note-se que o baile não era um espaço sem regras, e ao tirar para dançar Aguida, Mansani as rompeu. Nesse momento, entrou em cena o brasileiro Luiz Adão, cujo ato de defender a moça possivelmente viesse ao encontro a um sentimento senão de amor, de muita amizade pela jovem. Ao sair para o lado de fora da sala de baile, Luiz Adão foi alertado pelo “preto Calixto”, ou seja, pelo “brasileiro” Calixto, que a situação acabaria em briga, talvez já percebendo que os italianos já haviam rompido com o ténue equilíbrio daquela ‘unidade diferenciada’, mas de nada adiantou a solidariedade do parceiro nacional, Luiz Adão foi vitimado com uma facada na perna que quase custou-lhe a vida perante a quantidade de sangue que perdeu.

Mas os conflitos não ficavam circunscritos apenas aos bailes. Eles também irrompiam em outros espaços de sociabilidade, entre eles os jogos de carta, as corridas de cavalo e, às costumadas bebedeiras nas casas de comércio.

Não obstante, a embriaguês era comumente apontada como a culpada e a causadora de todas as discórdias, claro que não a deles, imigrantes, mas sim dos brasileiros. Foi isso que alegou o polonês Esthephano Rugensky após ter sido preso pela agressão física a Juvêncio Francisco de Oliveira após saírem da “casa de negócio de Ricardo Dias Baptista”.

A briga aconteceu no dia 22 de dezembro de 1901, após vítima e agressor beberem e trocarem provocações na citada casa de comércio. De acordo com Martinho Chenicgassesky, lavrador polonês de 27 anos de idade e casado, naquele lugar,

...chegou Juvêncio Francisco de Oliveira aonde foi fazer algumas compras e logo de chegada dizendo a Deus a Vicente Cheniganesky, este-lhe respondeu que não dizia a Deus para negro (...) Ela testemunha viu Juvêncio dizer a Vicente que lhe dava um tapa por que estava acostumado a surrar jente na estrada e logo sahiu para fora e Vicente Cheniganesky o acompanhou com uma faca na mão e aí ella testemunha com mais outras pêssoas que alli se achavão intervierão e não deixarão haver dezordens...¹⁴

No entanto, se naquele momento a luta foi contida, na estrada ela não pode ser evitada, afinal embriagado, ofendido e disposto a brigar o “negro” Juvêncio os seguiu na estrada para a colônia Lagoa e quando os alcançou bateu com o “relho no braço” da testemunha, que correu. Mas seus companheiros decidiram ficar e brigar, afinal, estavam em maior número. Como “havam tomado pinga” estavam “todos quentes”. Um deles, o citado Esthephano Rugensky, descrito por uma das testemunhas como “turbulento” e por outra como “esquentado”, irritado com as provocações “deceu uma pancada na cabessa de Juvêncio com um pau que levava na mão e esse caiu emidiatamente quazi morto”.

A análise desse processo, portanto, nos leva a aferir sobre outros três aspectos inerentes a inserção dos imigrantes na sociedade pontagrossense. Primeiramente nos aponta que também no espaço rural esses ‘outsiders’ teceram novas redes de sociabilidade que envolviam tanto seus parceiros de emigração como os nacionais. Com eles freqüentavam casas de negócio, corridas de cavalo, momentos em que apesar das diferenças desfrutavam de um tempo de alegria e prazer. Com eles realizavam negócios, desde o empréstimo de dinheiro até a venda de animais e, por certo, de produtos alimentícios.

Todavia, e nisto esta o segundo aspecto, embora os imigrantes tivessem construído relações de amizade ou vizinhança com os brasileiros, principalmente em casos como esses em que estavam na cidade há mais de uma década, o bom andamento e a cordialidade de suas

interações dependiam, e muito, de algumas características básicas como a proximidade ou não na convivência diária, a reciprocidade, o tipo de dependências e interdependências que os envolviam, o ânimo e a personalidade de cada um. Subjacente a tudo isso estava as diferenças étnicas, que rompido o tênue equilíbrio entre partes emergia em forma de conflito.

Subjacentes em todas as relações tecidas entre esses indivíduos estavam os valores e as fronteiras étnicas, que até o momento do desafio poderiam estar invisíveis, tornando-se ali então claras e explicitadas na referência à cor da pele.

Cor da pele, a propósito, são elementos marcantes também em outro processo crime decorrente do embate verbal e agressão física entre o baiano Pedro Mendes Campolim, cortador de gado de 38 anos de idade, solteiro, analfabeto, e o imigrante russo Pedro Stremel.

Segundo os autos, no dia 08 de junho de 1892,

as quatro horas mais ou menos da manhã, estando o denunciado Pedro Campolim no jogo de bola em casa do negociante Antonio Stremel, após uma curta altercação que travou com Pedro Stremel, armado de um facão que consigo trazia descarregou no braço esquerdo deste um golpe produzindo-lhe ferimentos graves.¹⁵

De acordo com a testemunha Luiz Zimmermman, catarinense de 24 anos de idade, solteiro, cortador, também analfabeto, naquela madrugada estavam “ella testemunha e outras pessoas no jogo de bola na casa do negociante Antonio Stremel” quando lá pelas quatro horas mais ou menos o réu dirigiu-se a “Pedro Stremel dizendo que ele e seu pai Antonio eram os culpados das dúvidas que apareciam sempre no jogo porque provocavam estas”. Irritado, “Pedro Stremel retorquiu o réu dizendo-lhe que não tinha medo de Homem e nem de negro nenhum”. A essas palavras, segundo Zimmermman e outros testemunhas, seguiu-se uma seqüência de empurrões e a “facãozada” no russo, que “perdeu muito sangue”.

Cite-se, ainda, o depoimento da terceira testemunha, o marceneiro Carlos Boaventura:

... Pedro Campolim dissera que vocês não gostam de recolher negros nem gente a toa aqui, no entanto, são os primeiros a brigarem, que Pedro Stremel, esquentando-se dissera que não conhecia Homem que o acompanhasse e saísse para a rua, como ninguém fizera caso dele, continuou o mesmo Pedro Stremel a desafiar e que vendo Pedro Campolim muito insultado pulara nelle...¹⁶

Por sua vez, ao ser indagado pelo juiz sobre como os fatos haviam se desenrolado, Joaquim Antonio Ribas respondeu que “sabe que Antonio Stremel e Pedro Stremel é que são provocador e turbulento”.¹⁷

Ou seja, de um lado os brasileiros e de outro os imigrantes, cada grupo defendendo a parte do real que mais lhe interessava. Cada grupo defendendo a sua identidade cultural.

Conclusão

Nesse sentido, entende-se que embora as festas produzissem o sentimento de pertencimento e unidade desejado pelos imigrantes, sempre em busca de tecer novas redes sociais, encontrar seu lugar nesse outro mundo social e reconstruir sua identidade social, sem dúvida alguma todas elas eram recortadas por clivagens e tensões que precediam àquele momento ‘planejado’, e que ali ganhavam contornos mais acentuados e delicados, que a qualquer momento, por qualquer motivo, poderiam irromper em forma de conflitos verbais e físicos.

Entende-se, assim, que as tensões e os conflitos entre os brasileiros e os imigrantes pobres eram acompanhadas e entrecruzadas todo tempo por diferenças identitárias que eram exteriorizadas e definidas, num plano mais imediato, pelas características e traços singulares mais visíveis, tal como a cor da pele. Karl Monsma, em seu estudo sobre o oeste paulista, encontrou diversas situações de sociabilidade e interação amigável entre imigrantes e pretos, mestiços ou caboclos, que explodiam em violência.¹⁸ Para ele

... a maior parte destas interações explosivas entre europeus e brasileiros não brancos envolvia lutas sobre quem tinha o direito de mandar e quem devia acatar.

Quando um negro agredia um imigrante, tipicamente era em resposta a uma atitude de superioridade e autoridade que este havia assumido, sem justificativa. Os negros negavam a significância hierárquica da cor e insistiam em se classificar da mesma maneira que os europeus – como trabalhadores, cristãos, homens ou mulheres, pais ou filhos, ou simplesmente como seres humanos.¹⁹

Em contrapartida, os imigrantes tendiam a perceber a cor como um esquema matriz de categorização, prevalecendo sobre todos os outros. Ou seja, enquanto negros, mestiços e caboclos afirmavam a igualdade, os imigrantes defendiam sua superioridade com base, sobretudo, na clara percepção de que essa distinção em relação a cor da pele já era usada para diferenciar e classificar os próprios brasileiros.

Certamente imigrantes – substitutos de escravos, mas também membros da “raça superior” – percebiam as atitudes contraditórias das elites locais, podiam observar como brasileiros brancos tratavam seus compatriotas pretos e mulatos, e logo aprenderam a importância de manter as divisões de cor (...) muitos imigrantes, precisamente porque sua própria condição muitas vezes estava perigosamente perto da dos negros, sentiam as reivindicações de pretos e mestiços por respeito e igualdade no trato como ameaças irritantes à sua identidade e honra.²⁰

Como diria Norbert Elias, o conflito é inerente às relações sociais, ou seja, às relações humanas. Não há vida de indivíduos em sociedade que não gere qualquer tipo de conflito, e que este, por sua vez, gere agressividade e até a violência. Mais ainda, no âmago de todo este processo estão “os diversos, muito complexos e muitas vezes divergentes papéis sociais desempenhados pelos homens”.²¹ Por conseguinte, e como não poderia deixar de ser, a relação entre imigrantes e brasileiros pobres em Ponta Grossa seguiu o itinerário comum a qualquer outra interação que envolvesse indivíduos e grupos portadores de características culturais diferentes, imersos em uma sociedade que pautava todos os seus valores sociais e interesses na exclusão do “outro”, seja pela cor da pele, seja pela quantidade de posses.

Não se trata de encontrar culpados nem vítimas. Aliás, a princípio poderíamos até mesmo dizer que todos eram culpados e também vítimas, ou seja, todos eram personagens que no seu dia a dia, na interação face a face, vivenciavam a tensão e o conflito inerente àquela sociedade que em conjunto davam forma e singularidade. Nenhum deles escapava a essa tensão. E nenhum deles deixou de reagir a essa tensão quando chegavam em uma situação limite, xingando, desafiando, chamando o outro para a briga, dando tiros, porretadas, garrafadas, pedradas...

Tal constatação remete às discussões de Pierre Bourdieu sobre a questão da identidade. De acordo com o autor, “sabe-se que os indivíduos e os grupos investem nas lutas de classificação todo o seu ser social, tudo o que define a idéia que eles têm deles próprios, todo o impensado pelo qual eles se constroem como “nós” por oposição a “eles”, aos “outros” e ao qual estão ligados por uma adesão quase corporal. É isso que explica a força mobilizadora excepcional de tudo o que toca à identidade”.²²

REFERÊNCIAS

BAECHLER, Jean. Grupos e Sociabilidade. In: BOUDON, Raymond (Org). *Tratado de Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

BALHANA, Altiva Pilatti & MACHADO, Brasil Pinheiro. Campos Gerais: *Estruturas Agrárias*. Curitiba: UFPR, 1968.

BOSI, Ecléia. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand, 1989.

ELIAS, Norbert. *A Sociedade de Indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 1994.

ELIAS, Norbert & Scotson, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2000.

INDURSKY, Freda (org.) *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1999.

MONSMA, Karl. *Conflito simbólico e violência interétnica: europeus e negros no oeste paulista (1888-1914)*. Trabalho apresentado na mesa redonda “Relações interétnicas e reconfiguração das identidades no Brasil República”. VIII Encontro Estadual de História, Pelotas-RS, 2004.

NADALIN, Sérgio Odilon. *Imigrantes de origem germânica no Brasil. Ciclos matrimoniais e etnicidade*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2006.

NORA, Pierre (org.) *Ensaio de Ego-História*. Lisboa: Difel, 1987.

ORLANDI, Eni. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas: Pontes, 2004. ORLANDI, Eni. *Análise do discurso. Princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Sensibilidade: escrita e leitura da alma*. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy & LANGUE, Frédérique (org.). *Sensibilidade na história: memórias singulares e identidades sociais*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007.

REBELO, Fernanda. *Raça, clima e imigração no pensamento social brasileiro do século XIX e XX*. Revista Filosofia e História da Biologia, v. 2, 2007.

SEYFERTH, Giralda. *Colonização, imigração e a questão racial no Brasil*. Revista USP, São Paulo, n. 53, 2002.

SIMMEL, Georg. *Georg Simmel: sociologia*. São Paulo: Ed. Ática, 1983.

¹ Doutoranda em História, UFPR. Bolsista da Capes.

² BOSI, Ecléia. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. Neste momento, na verdade, tomamos de empréstimo o conceito de “desenraizamento” usado pela autora, para aplicá-lo na análise do processo de emigração e imigração de europeus para o Brasil, enquanto a autora o utiliza mais proximamente aos estudos sobre migração.

³ BALHANA, Altiva Pilatti & MACHADO, Brasil Pinheiro. *Campos Gerais: Estruturas Agrárias*. Curitiba: UFPR, 1968.

⁴ Nesse momento manifestou-se uma crise nos negócios de invernagem, que entraram em deterioração em virtude da nova conjuntura econômica nacional. Os mercados compradores do gado já contavam com diversas fontes de suprimento, ademais, a construção das ferrovias gradativamente foi abatendo o transporte da produção no lombo de mulas.

⁵ Na verdade, a chegada desses estrangeiros era a sequencia do projeto iniciado no Paraná há várias décadas e que ganhou contornos mais nítidos a partir de 1870. Assim, vale lembrar que as motivações em fixar elementos estrangeiros na então Província do Paraná ligava-se a carência de gêneros alimentícios que obrigava a população regional a importar artigos do exterior e de outras províncias, comprados a altos preços. Os imigrantes passaram a ser então considerados capazes de solucionar tal problema, pois, na visão da elite paranaense, esses “colonos morigerados e laboriosos” iriam resolver a escassez de mão-de-obra agravada a partir do remanejamento dos cativos para a lavoura cafeeira, e sanar a crônica crise de abastecimento com o incremento de novas técnicas de

produção agrícola. Concomitantemente buscavam ainda garantir a ocupação territorial e, sem dúvida, excluíam de seus planos o concurso da população indígena. Mais ainda, para eles era premente romper com a herança escravocrata, posto que o negro, ‘violento e nada confiável’, não possuía ‘condições morais, nem culturais’, para tal empreitada. Alinhados ao ideário vigente em outras partes do Brasil, concebiam o imigrante europeu como ‘pacífico e trabalhador’, portanto capaz de regenerar o elemento nacional. Na esteira desse projeto, Ponta Grossa recebeu no final da década de 1870 cerca de 2.400 colonos russo-alemães que foram direcionados para áreas afastadas do núcleo urbano. Entretanto, inúmeras famílias que vieram para trabalhar na terra, acabaram em pouco tempo dirigindo-se para a cidade, afinal haviam sido assentadas em solos improdutivos. Já na década dos oitocentos, juntamente com eles, homens e mulheres de outras nacionalidades e que vieram em outras levas de emigrantes, ou mesmo que empreenderam viagens solitárias, construíram suas casas no meio urbano de Ponta Grossa. Sobre as políticas de imigração no Paraná e no Brasil indicamos a leitura de: NADALIN, Sérgio Odilon. Imigrantes de origem germânica no Brasil. Ciclos matrimoniais e etnicidade. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2006; SEYFERTH, Giralda. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. Revista USP, São Paulo, n. 53, 2002; REBELO, Fernanda. Raça, clima e imigração no pensamento social brasileiro do século XIX e XX. Revista Filosofia e História da Biologia, v. 2, 2007.

⁶ Processo crime por Lesões Corporais, réus Laurindo Alves de Araújo, Rodrigues Alves de Almeida, Joaquim Antonio Ribeiro e Antonio José Machado. Comarca de Ponta Grossa, 12 de outubro de 1895.

⁷ Processo crime por Lesão Corporal, réu José Balcini. Comarca de Ponta Grossa, 16 de junho de 1901.

⁸ BAECHLER, Jean. Grupos e Sociabilidade. In: BOUDON, Raymond (Org). Tratado de Sociologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1995, p. 65.

⁹ Idem, p. 77 e 78.

¹⁰ SIMMEL, Georg. Georg Simmel: sociologia. São Paulo: Ed. Ática, 1983, p. 170. Sobre a noção de sociabilidade e associação segundo Georg Simmel, ver também VANDENBERGUE, Frédéric. As sociologias de Georg Simmel. Bauru: EDUSC, 2005.

¹¹ Para Agulhon a sociabilidade se desenvolve tanto nos espaços formais, como as associações, quanto no espaço informal da rua, dos espetáculos, em casa com a família e/ou os amigos. A sociabilidade “informal” estaria próxima, portanto, das redes ou encontros planejados dos quais falou Jean Baechler. AGULHON, Maurice. Visão dos Bastidores. In: NORA, Pierre (org). Ensaio de Ego-História. Lisboa: Difel, 1987.

¹² ELIAS, Norbert & Scotson, John L. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2000.

¹³ Processo crime por Lesão Corporal, réu José Balcini... op.cit

¹⁴ PROCESSO CRIMINAL por Lesões Corporais, réu Estephano Rugensky. Comarca de Ponta Grossa, 22 de dezembro de 1901.

¹⁵ PROCESSO CRIMINAL por Lesão Corporal, réu Pedro Mendes Campolim. Comarca de Ponta Grossa, 08 de junho de 1892.

¹⁶ Idem. Sem grifo no original.

¹⁷ Ibidem.

¹⁸ MONSMA, Karl. Conflito simbólico e violência interétnica: europeus e negros no oeste paulista (1888-1914). Trabalho apresentado na mesa redonda “Relações interétnicas e reconfiguração das identidades no Brasil República”. VIII Encontro Estadual de História, Pelotas-RS, 2004, sem número de página.

¹⁹ Idem.

²⁰ Ibidem.

²¹ ELIAS, Norbert. A Sociedade de Indivíduos. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 1994.

²² BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand, 1989, p. 124, nota 20.